



OS JOVENS NO TRABALHO SOLIDÁRIO: novos rumos da participação política?¹

Lúcia Rabello de Castro* Beatriz Corsino Pérez** Conceição Firmina Seixas***

Transformações importantes, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, modificaram nossos modos de convivência, fazendo com que nos interroguemos sobre qual participação social e política podemos e devemos ter para decidir as questões da vida coletiva. Neste trabalho, discutimos os impasses que se apresentam para os jovens frente à sua participação na vida social. Pesquisas (PLEYERS, 2005; FORBRIG, 2005; NORRIS, 2002) mostram que os jovens tendem a rejeitar modos convencionais de engajamento político, via partidos políticos, por exemplo, enquanto se mobilizam, efetivamente, em relação a lutas diferentes daquelas que, convencionalmente, chamaríamos de 'reivindicações de ordem política'. Destacamos, nesta contribuição, o trabalho solidário e discutimos seu estatuto como forma de engajamento e participação dos jovens hoje. Por trabalho solidário, entendemos a adesão e engajamento dos jovens a uma 'causa' e a um coletivo que, necessariamente, articulam uma ação com o objetivo de transformar as condições de injustiça e desigualdades sociais.

A discussão trazida aqui se apoia em uma pesquisa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, ao longo de 2005, com dez jovens de diferentes classes socioeconômicas, moradores do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, com idades entre 16 e 25 anos. Os jovens entrevistados pertenciam a diversos movimentos e associações, cujas atividades variavam: davam aula de circo, capoeira e origami para pessoas de baixo poder aqui-



O grafite tem sido ação de muitos projetos sociais desenvolvidos por jovens

sitivo; participavam da programação e divulgação de rádio comunitária; ensinavam voluntariamente em cursos pré-vestibulares e preparatórios para o Ensino Médio; faziam oficinas em escolas sobre direitos humanos; criavam manifestações e intervenções em prol de uma cultura nacional e arrecadavam recursos por intermédio de eventos culturais para outras ONGs ou instituições que promoviam ações sociais. Ainda que inseridos em coletivos bastante distintos, nas formas de atuação e objetivos, verificamos que a participação desses jovens estava articulada, no seu próprio discurso, por uma mobilização frente às injustiças e desigualdades sociais, e um 'dever de agir' em relação a elas.

Ser solidário: a 'importância de ajudar o outro'

Notamos que a motivação dos jovens para realizar o trabalho solidário é desencadeada por uma identificação com a situação de injustiça e opressão sofrida pelo semelhante: para alguns, por terem vivido, eles mesmos, uma situação pessoal de privação, há identificação com aqueles seus semelhantes que também padecem da mesma situação; para outros, pela mobilização causada por situações de injustiça e desigualdade que observam e 'vivem' no seu cotidiano.

Entre os jovens menos favorecidos economicamente, muitos se sentiram beneficiados, cultural e educa-

Notamos que a motivação dos jovens para realizar o trabalho solidário é desencadeada por uma identificação com a situação de injustiça e opressão sofrida pelo semelhante.



Suas ações objetivam mudanças que consideramos como 'pontuais', em oposição a 'ações globais', orientadas por uma ética de responsabilidade e solidariedade. A transformação da sociedade não é almejada de forma estrutural, mas no plano das mudanças individuais, ou seja, provocando mudanças na história de vida das pessoas.

cionalmente, com o trabalho realizado por ONGs ou outros projetos, e decidiram trabalhar por aqueles que estão na situação em que já estiveram. Eles consideram sua participação como uma forma de *retribuição* daquilo que receberam e querem servir de exemplo para crianças e jovens que estão nas ruas, envolvidos com o crime e as drogas. Esses jovens desejam transmitir a mensagem de que existem outras opções na vida e que a "recuperação" é possível. A identificação desses jovens com o público que pretendem atingir passa pela mobilização de que *eles devem, e podem, fazer algo*, uma vez que eles próprios conseguiram mudar o rumo de suas vidas. Um sentimento de compaixão e responsabilidade pelo outro os conduz a agir.

Os jovens de classe menos favorecida também intervêm na comunidade, a fim de melhorar as condições de vida das pessoas com as quais convivem. Um jovem entrevistado disse ajudar os artistas locais, abrindo espaço na programação da rádio em que trabalha para divulgação de suas produções. Segundo o jovem, *"a rádio comunitária tá ali pra isso, né, mano? Pra dar uma voz aos excluídos. Porque às vezes você tem uma comunidade que é excluída assim, não tem voz, não tem nada..."*.

Outros entrevistados, embora não tenham passado por nenhuma situação de privação material, mesmo assim, se sentem afetados pelas injustiças sociais. É, justamente, porque se percebem "favorecidos" pela sociedade, que procuram agir em prol daqueles que não tiveram tantas oportunidades como eles. Com o intuito de reparar as desigualdades sociais, esses jovens aderem a coletivos de ação so-

cial. Eles percebem sua atuação como uma obrigação de tornar a realidade mais justa, já que tiveram boas condições de vida. Um jovem coloca que, *"se o governo não faz, eu não vou simplesmente ficar quieto, entendeu? Até porque, se eu tive as condições, foi questão de sorte, ninguém pede pra nascer sem condições"*.

A adesão a um coletivo de trabalho solidário significa a necessidade de apoio para compartilhar com outros jovens, ideias, impressões e ações. Dois aspectos chamam a atenção nas entrevistas com os jovens. Suas ações objetivam mudanças que consideramos como 'pontuais', em oposição a 'ações globais', orientadas por uma ética de responsabilidade e solidariedade. A transformação da sociedade não é almejada de forma estrutural, mas no plano das mudanças individuais, ou seja, provocando mudanças na história de vida das pessoas. As ações dos jovens no trabalho solidário visam a afetar o outro, seja pela educação ou pela arte, pois consideram que cada um, individualmente, seja importante na transformação do mundo. Dessa forma, essas pessoas podem transmitir para outras o que aprenderam, fazendo com que as ações se multipliquem e atinjam um número cada vez maior de pessoas. Um jovem explica: *"Se a gente consegue ampliar essa quantidade de agentes, eu acho que a gente potencializa a nossa ação. Atinge de fato esse efeito multiplicador da ação social"*.

Os jovens envolvidos no trabalho solidário dizem que essa forma de participação é recompensadora e prazerosa, tanto pelo laço social estabelecido com um grupo mais amplo de pessoas, como também pelos ganhos



MUITAS ESPÉCIES - UM PLANETA - UM FUTURO
DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE - 5 DE JUNHO DE 2010



www.bancomundial.org/br



United Nations Environment Programme

Os temas ambientais têm mobilizado muitos jovens para o trabalho solidário

personais. Por exemplo, ser reconhecido pelo que faz, ganhar notoriedade na comunidade em que mora ou estuda, encontrar satisfação pessoal, ou mesmo desenvolver habilidades que podem ser úteis em outros momentos de suas vidas (ao dar aulas, se perde a timidez, se alargam as redes sociais).

Ao avaliarmos a adesão dos jovens ao trabalho solidário, pensamos que a interpelação por parte de um outro que sofre ou da injustiça presenciada, pode ser um dos determinantes da *decisão de agir*. Significa que, ainda que muitos jovens possam ser afetados pelas injustiças ao seu redor, eles não conseguem servir-se do afetamento para a ação. O diferencial aqui seria que alguns jovens, frente às injustiças e ao mal-estar por elas provocado, partem para a ação. Se a política comporta uma dimensão ética, como afirma Critchley (1998, 2007), entendemos que ela consiste na possibilidade de os sujeitos serem tocados pela situação de um outro, e responderem pela ação – daí adviria a *responsabilização*.



Agir no coletivo: amizade e conflito no trabalho solidário

O engajamento dos jovens para “ajudar os outros” e para “construir uma sociedade melhor” também se reverte como modo de sociabilidade com os colegas e conquista de novas amizades. Participação social e vida pessoal se misturam, uma vez que o engajamento no grupo acaba criando um lugar de pertencimento. A acentuação dessa característica confere à experiência desses sujeitos um forte valor afetivo, de mobilização pelo prazer de estar com amigos ou pares, fazendo algo coletivamente.

Ao se reunirem e debaterem juntos, muitos jovens conseguiram criar a organização em que participam. Eles apontam que a formação dos grupos se deu através de um processo longo, de bastante investimento por parte de seus integrantes, que estavam juntos porque possuíam “*vontades e objetivos comuns*”. Os jovens ressaltaram ser muito importante que o grupo estivesse unido para que se sustentasse sua continuidade, mesmo com as frustrações e os conflitos que surgiam. A superação das dificuldades acabava servindo para fortalecer os laços de confiança e amizade do grupo.

No entanto, parece que alguns entrevistados temiam os conflitos, pois achavam que estes poderiam suplantam e tomar o lugar da vontade de ajudar e de transformar a realidade social. Colocavam, a esse propósito, que a consecução do trabalho deveria estar acima dos problemas internos ao grupo. Dar espaço para discutir as diferenças de opiniões poderia atrapalhar ou impossibilitar a ação coletiva.

Perguntamo-nos, nesse sentido, se a redução dos diferentes posicionamentos intragrúpicos, não concorreriam para certa postura salvacionista dessa forma de participação, em que

Participação social e vida pessoal se misturam, uma vez que o engajamento no grupo acaba criando um lugar de pertencimento.

se justifica evitar discórdias para levar a cabo a tarefa, custe o que custar. Parece que o investimento intenso nas realizações e a obtenção de gratificações com este trabalho afastam o grupo do difícil processo da convivência entre eles próprios, ao se afastarem e recusarem tudo aquilo que possa atrasar e penalizar os objetivos do grupo.

Expandindo as fronteiras do grupo

Para alguns coletivos de jovens, era importante buscar se inserir em coletivos mais amplos, na tentativa de compartilhar suas experiências e visões de mundo. Eles disseram ter ido ao Fórum Social Mundial para tentar articular seu trabalho com outros projetos e tornar visíveis suas ações. Outros coletivos também estavam ligados a outros grupos, por exemplo, ao movimento *hip hop*, no qual se discutiam questões, como a condição de ser negro na sociedade hoje. Entendemos que esses envolvimento, para além do próprio coletivo, refletem um

esforço de construir redes com outros movimentos, cujos objetivos podem diferir.

Por outro lado, muitos coletivos de jovens permanecem centrados em seu próprio grupo, buscando realizar a sua tarefa, da melhor maneira possível. Eles podem ter o apoio da comunidade ao conseguir um espaço, uma doação ou algo que viabilize sua ação, mas não chegam a construir alianças e espaços de diálogo com outros setores da sociedade. Esse fato qualifica o trabalho solidário como bastante restrito no modo de se fazer visível ou de criar alianças com outros cujas lutas se encaminham em direções semelhantes. É como se o espaço no grupo fosse autossuficiente, cumprindo a expectativa de ‘realizar a tarefa’ e ‘vivenciar o pertencimento ao coletivo’. Assim, o investimento preponderante na tarefa e sua eficácia nos leva a questionar se o trabalho solidário, além de se constituir como uma plataforma de realização pessoal, de convivialidade e de pertencimento para os jovens, pode se reverter como experiência relevante

Esse fato qualifica o trabalho solidário como bastante restrito no modo de se fazer visível ou de criar alianças com outros cujas lutas se encaminham em direções semelhantes. É como se o espaço no grupo fosse autossuficiente, cumprindo a expectativa de ‘realizar a tarefa’ e ‘vivenciar o pertencimento ao coletivo’.



Projeto Uerê na comunidade da Baixa do Sapateiro no Complexo da Maré/RJ



ONGs brasileiras têm promovido o trabalho solidário no Dia Global do Voluntariado Jovem, organizado mundialmente pela Youth Service America (YSA) e Global Youth Action Network (GYAN)

No trabalho solidário, pareceu-nos que a 'solidariedade' está articulada ao sentimento de responsabilização pelo qual os jovens dão conta de seu engajamento. Os jovens visam a uma ação que produza efeitos imediatos, como uma resposta às desigualdades e injustiças.

para a inovação efetiva das formas de participação política e democrática, uma vez que ele não se preocupa em construir uma lógica de equivalência de lutas e demandas (MOUFFE, 2000), fundamental para alcançar a transformação social.

A relação do trabalho solidário com a política e os políticos

A política convencional, que possui uma configuração estruturada, com divisões de cargos e funções, e com uma atuação formalizada por meio de um conjunto de práticas e discursos específicos, aparece nas falas dos entrevistados como um obstáculo, que dificulta suas ações e as esvazia de sentido. O trabalho solidário, portanto, apresenta-se para esses jovens como uma alternativa à política institucionalizada.

Muitos jovens associam a ideia de política (entendida como a atividade e ação no espaço público) à da figura do político (o personagem que supostamente encarnaria essa função) de forma negativa, apontando que a prática deste deixaria a desejar. O descrédito e a decepção em relação ao comportamento de nossos governan-

tes e representantes contribuem para que os jovens façam uma confusão entre esses dois âmbitos: o da política e o da figura do "político profissional". A reputação e atuação negativa dos políticos acabam desqualificando tudo o que diz respeito à política de modo geral.

Para alguns jovens, há um temor de que as suas ações e os objetivos de seus trabalhos sejam percebidos como uma atividade política ou mesmo tenham qualquer relação com ela. A preocupação dos jovens em se distanciarem das práticas partidárias eleitorais expressa o desejo de valorizar o seu trabalho e de mantê-lo próximos aos interesses da comunidade local. O político profissional é descrito como uma figura oportunista, que se aproveita de iniciativas bem intencionadas para se eleger, para garantir seus interesses particulares. Segundo um jovem, "a galera não gosta de política não". Por isso, o grupo de que faz parte prefere chamar a sua forma de participação de "movimento" a denominá-la como política.

Além disso, o distanciamento desses jovens em relação à política aparece como se ela fosse algo reservado às práticas e representações

do mundo adulto. As seguintes falas: "eu não entendo muito essa parada de política assim, não gosto" e "eu nem entendo muito disso" demonstram o quanto a política não desperta o interesse dos jovens engajados no trabalho solidário, pois a consideram muito "complicada" e fora do seu campo de ação. É como se a política não dissesse respeito a eles, ficasse restrita aos políticos profissionais e ao sistema burocrático.

Esse distanciamento em relação à política parece estar mais presente nas falas de jovens pobres, que tiveram pouco acesso à educação escolarizada. Para eles, a experiência da política se dá através da figura do político profissional que se aproxima da comunidade e de seus moradores com interesses particulares, principalmente o de conseguir voto nas eleições. Afastar-se dessa figura significa estar fora de uma prática considerada interessante e enganadora, já que os políticos não se preocupariam de fato com os interesses da comunidade.

Por outro lado, jovens de classe média e alta que estão na universidade parecem se sentir mais confortáveis e próximos ao tema da política e pensam o contrário, que ela "está em



tudo”, “é tudo”. Em seus discursos, fazem a separação entre a política, como área de atuação, e a figura do político profissional. É o caso de um jovem que, além de participar de uma ONG, é estudante de Direito e participa do DCE de sua faculdade, e de outro jovem, coordenador do curso preparatório e estudante de História. Em suas palavras, respectivamente:

[...] porque é tudo política, sabe? O que se passa na minha casa também é político. A mulher dentro de casa sendo subjugada pelo marido, as posturas que você toma dentro de casa com seus pais, o jeito que você trata as pessoas, isso tudo é política pra mim.

Eu acho que a política tem esses dois lados: o da política partidária e o da política do dia-a-dia. Viver é fazer política, o tempo todo se relacionar [...] eu acho também que tem essa possibilidade de atuação política que não envolve essa política institucional, que é, por exemplo, esse tipo de projeto social, que é a atuação em ONGs de uma forma mais ampla.

Ao se sentirem mais próximos da política e mais familiarizados com o tema, esses jovens também conseguem identificar as suas ações como tendo um caráter político. Eles expressam uma visão crítica da sociedade, vendo a política como parte do dia a dia, e admitem a possibilidade de uma ação política fora das práticas institucionais.

A partir dessas falas, podemos nos perguntar se a participação dos jovens se caracteriza como apolítica pelo fato de eles fazerem questão de demarcar sua distância da política convencional ou, de outro modo, se a participação



Universitários catarinenses participam do Dia Global do Voluntariado Jovem

Por serem ações localizadas e não se dirigirem diretamente às estruturas dominantes de poder, essas ações perdem força quanto a influenciar o funcionamento do sistema como um todo e suas determinações.

política também se faria por outras vias que não a da representação institucionalizada. Ainda que apresentem posicionamentos variados, no que diz respeito ao entendimento do que a política significa em suas práticas, percebemos que os engajamentos dos jovens entrevistados não seguem os enquadres convencionais de participação política, rejeitados pela perda da credibilidade na representação e nas instituições tradicionais. A ideia de transformação da sociedade está vinculada a uma busca por uma igualdade econômica e de direitos para os indivíduos. Podemos dizer que a capacidade desse movimento parece basear-se menos em uma ação dirigida diretamente às estruturas formalizadas de poder e mais no potencial dos jovens de criar e experimentar ações, no presente, que possam minimizar as injustiças sociais. Segundo um jovem, a ideologia do grupo “é essa da igualdade e da transformação social”.

Os rumos da participação política

No trabalho solidário, parecem-nos que a ‘solidariedade’ está articulada ao sentimento de responsabilização pelo qual os jovens dão conta de seu engajamento. Os jovens visam a uma ação que produza efeitos imediatos, como uma resposta às desigualdades e injustiças. Eles falam das muitas dificuldades, frustrações e percalços dessa forma de participação, mas convergem quando optam por uma ação que produza resultados palpáveis de transformação, mesmo que pontuais.

A participação dos jovens aqui entrevistados compreende uma diversidade de formas de atuação. Contudo, apesar de tal variabilidade, tem-se sinalizado que esse tipo de participação tende a constituir uma forma distinta de participação social e política frente a outras tantas possíveis (CLAGGET; POLLOCK, 2006; BRUSSINO; RABBIA;



SORRIBAS, 2008). O trabalho solidário se diferencia de um modo convencional de participação, que acontece dentro de grupos que possuem regras definidas e formas de ação estruturadas e hierárquicas, como a que é exercida por meio de partidos, sindicatos e do movimento estudantil. Por serem ações localizadas e não se dirigirem diretamente às estruturas dominantes de poder, essas ações perdem força quanto a influenciar o funcionamento do sistema como um todo e suas determinações. Aliás, os próprios jovens admitem que não pretendem atingir tais objetivos, justificando que a forma convencional de fazer política não consegue promover as mudanças necessárias na sociedade. Percebemos, assim, como se torna importante para esses jovens a ação prática no presente e a possibilidade de obter resultados por meio dela.

O trabalho solidário possibilita para os jovens a reversão do tempo de *agir depois*, para o *agir agora*. O engajamento possibilita um lugar diferente do papel de “aprendiz”, de um indivíduo em desenvolvimento, que deve passar por um processo de preparação para ter, ao final, credenciamento para uma participação mais efetiva na sociedade (CASTRO, 2008). Em suas ações sociais, os jovens se veem capazes de fazer alguma coisa no presente, com os conhecimentos e instrumentos que já possuem. Como enfatizou Pais (2005), os jovens recusam a aceitar passivamente o período de moratória social que lhe é concedido e tentam também participar da construção da sociedade, a partir de suas possibilidades e potencialidades, no momento presente de “suas juventudes”. Isso fica claro nas participações de jovens envolvidos em projetos educativos

que procuram compartilhar o conhecimento que possuem com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade que eles. No caso, os jovens saem do papel de alunos, habituados a receber o conhecimento, para assumirem a posição de professores, e oferecerem aos outros o seu saber. ❶

*LUCIA RABELLO DE CASTRO é Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**BEATRIZ CORSINO PÉREZ é Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

***CONCEIÇÃO FIRMINA SEIXAS SILVA é Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOTA: ❶ Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre Participação Política e Juventude, financiada pelo CNPQ e FAPERJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSSINO, S.; RABBIA, H.; SORRIBAS, P. Una propuesta de categorización de la participación política de jóvenes cordobeses. *Psicología Política*, v. 8, n. 16, 2008.

CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização pelo destino comum. *Revista Sociologia Política*, v. 16, n. 30. Curitiba, 2008.

CLAGGET, W.; POLLOCK, P. The Modes of Participation Revisited. 1980-2004. *Political Research Quarterly*, v. 54, n. 4, 2006.

CRITCHLEY, S. *Infinitely Demanding: Ethics of Commitment, Politics of Resistance*. London: Verso, 2007.

CRITCHLEY, S. The Other's Decisions in Me: what are the politics of friendship? *European Journal of Social Theory*. London; New Delhi, 1998.

FORBRIG, J. Introduction: democratic politics, legitimacy and youth participation. In: FORBRIG, J. (Org.). *Revisiting youth political participation: challenges for research and democratic practice in Europe*. Strasbourg: Council of Europe, 2005.

MOUFFE, C. *On the Political*. Londres: Routledge, 2000.

NORRIS, P. *Democratic Phoenix: Political Activism Worldwide*. Cambridge: Cambridge University, 2002.

PAIS, J. M. As múltiplas “caras” da cidadania. In: CASTRO, L. R.; CORREA, J. (Orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.

PLEYERS, G. Young people and alter-globalisation: from disillusionment to a new culture of political participation. In: FORBRIG, J. (Org.). *Revisiting youth political participation: challenges for research and democratic practice in Europe*. Strasbourg: Council of Europe, 2005.